

O ESTADO DE S. PAULO

JULIO MESQUITA
1891 - 1927



RUY MESQUITA
Diretor

12 DE NOVEMBRO DE 2011 R\$ 3,00*

ANO 132 Nº 43124

EDIÇÃO DE 0H15

estadão.com.br

SABADO

C2+música

Termina com eles
As melhores atrações do SWU, que encerra ano de muitos shows



Paulínia.
Black Eyed Peas, de Fergie, se apresenta hoje

CHERYL RAVEL/REUTERS

Sabático

À frente do tempo
Reunidos em livro, textos de Ruth Cardoso mostram pioneirismo



VALERIA GONÇALVES/AE - 17.08.2004

● **Fernando Henrique**
"Ruth não tinha paciência para a política partidária." PÁG. 55

● **José de Souza Martins**
Ela inovou na teoria e na concepção de militância. PÁG. 55



MARCIO FERNANDES/AE

Agora é oficial. Os deputados federais Carlos Zarattini (esq.) e Jilmar Tatto com Haddad na apresentação da pré-candidatura do ministro a prefeito de SP

PT anuncia Haddad como pré-candidato e critica Kassab

A pré-candidatura do ministro Fernando Haddad (Educação) à Prefeitura de São Paulo, costurada pelo ex-presidente Lula, foi lançada com críticas à gestão de Gilberto Kassab (PSD), prefeito próximo do governo federal. Sobre o fato de nunca ter disputado uma eleição, Haddad disse que isso o obriga a ter "uma agenda diferenciada". **NACIONAL / PÁG. A4**

● Tucano sem pressa

O ex-governador José Serra disse que a definição do candidato petista não obriga o PSDB a se apressar. **NACIONAL / PÁG. A4**

Desaceleração faz governo aliviar restrição ao crédito

Bancos terão margem maior para financiamentos e pagamento mínimo do cartão não será reajustado

O Banco Central anunciou ontem medidas para estimular o consumo no final deste ano e evitar que a economia sofra uma forte desaceleração. Será reduzido o volume de dinheiro que os bancos precisam manter reservado para fazer em-

préstimos de curto prazo. Com isso, abre-se espaço para aumentar os financiamentos de até 60 meses. O governo também desistiu de elevar o pagamento mínimo de cartão de crédito, que passaria de 15% para 20% do valor da fatura

em dezembro. Ao retirar parte das travas impostas no final do ano passado ao crédito, o BC segue a estratégia definida pela Fazenda para enfrentar a perspectiva de um longo período de deterioração da economia mundial. **ECONOMIA / PÁG. B1**

● **Lucro da Petrobrás cai 26%**
De julho a setembro, ganho foi de R\$ 6,33 bilhões, ante R\$ 8,56 bilhões em igual período de 2010. **PÁG. B8**

Vazamento do IPCA ocorria desde maio por falha em site

Uma mudança no sistema de disseminação de informações do IBGE deixou, desde maio, dados de pesquisas disponíveis para consulta antes da divulgação. Informações confidenciais sobre inflação podem ter ficado acessíveis. Os dados são preciosos para quem faz transações no mercado financeiro. O IBGE minimizou o caso. **ECONOMIA / PÁG. B4**

Rio marca ocupação da Rocinha para amanhã

O governo do Rio marcou para as 5 horas de amanhã a ocupação das favelas da Rocinha e do Vidigal, onde serão instaladas unidades de polícia pacificadora. O secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, quer que o traficante Nem, preso anteontem, entregue os nomes dos policiais civis e militares a quem diz ter pago propina nos anos em que dominou as favelas. **METRÓPOLE / PÁG. C1**

Mediadora da ONG AfroReggae é morta

Tânia Moreira, de 44 anos, funcionária da ONG AfroReggae, que media conflitos em favelas do Rio, foi sequestrada e morta em Vigário Geral. **METRÓPOLE / PÁG. C3**



TASSO MARCELO/AE

Tensão. Polícia ocupa os acessos à Rocinha, mas moradores dizem que a venda de drogas continua

País banca curso para médico formado em Cuba

VIDA / PÁG. A22

Assaltante entra em carro e estupra estudante em SP

METRÓPOLE / PÁG. C3

Itália aprova plano para economizar € 54 bilhões

ECONOMIA / PÁG. B8

Palestina admite: não terá reconhecimento na ONU

INTERNACIONAL / PÁG. A16

PAUL KENNEDY

Uma nova era?

A queda do dólar, a desintegração dos sonhos europeus, a corrida armamentista na Ásia e a paralisação da ONU são indicadores de mudanças. **VISÃO GLOBAL / PÁG. A20**

PAUL KRUGMAN

Lendas do fracasso

Duas afirmações falsas: os males da Europa refletem o fracasso dos Estados de bem-estar social e a crise pede imediata austeridade fiscal nos EUA. **ECONOMIA / PÁG. B9**

SÉRGIO TELLES

Melodrama e realidade

A estranheza dos filmes de Almodóvar reflete aspectos da contemporaneidade que ainda nos parecem obscuros e pouco familiares, mas reais. **C2+MÚSICA / PÁG. D12**

Tempo na capital

26° Máx.
18° Mín.

Muitas nuvens e chuva leve
HOJE: 120 PÁGINAS
(26 DE CLASSIFICADOS)
* VER TABELA NA PÁGINA A3

ISSN - 1516-293-1
9 771516 293026

NOTAS & INFORMAÇÕES

Mais dívidas e gastos

Se o vigor da economia depender do gasto público, o Brasil terá boa proteção contra a crise em 2012. **PÁG. A3**

MITSUBISHI PAJERO TR4 2012.
BEM-VINDO AO MUNDO 4X4.
DESCUBRA MAIS EM PAJEROTR4.COM.BR



Faça revisões em seu veículo regularmente.





Sabático



UM TEMPO PARA A LEITURA

estadão.com.br

ARQUIVO RUTH CARDOSO/FUND. IFFH

REFLEXÕES DE VANGUARDA

Escritos entre 1959 e 2001, textos de **Ruth Cardoso** reunidos em livro por Teresa Caldeira, sua ex-aluna, consolidam o papel pioneiro da intelectual paulista. "Quando antropólogos só lidavam com povos primitivos, ela já se dedicava à antropologia urbana", lembra ao 'Estado' Fernando Henrique Cardoso, com quem Ruth foi casada por 55 anos. Págs. S1 e S5



Dicionário

Na ponta da língua portuguesa

Camões é analisado em 200 verbetes de especialistas de diferentes países
Pág. S3

Ensaio

O som das cidades do passado

Estudo publicado na Inglaterra põe em debate a música urbana colonial
Pág. S8

Capa

Livro reúne textos acadêmicos de Ruth Cardoso, que começou sua carreira nos anos 1950 com um estudo pioneiro a respeito da imigração japonesa e desenvolveu teses originais sobre os excluídos

RUTH CARDOSO – OBRA REUNIDA
Organização: Teresa Pires do Rio Caldeira
Editora: Mameluco
(568 págs., R\$ 78)



A MODERNA ANTROPOLOGIA DE UMA DISCRETA FEMINISTA

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Para definir a modernidade da antropóloga e professora paulista Ruth Cardoso (1930-2008), casada com o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso por 55 anos, sua aluna Teresa Pires do Rio Caldeira, hoje lecionando na Universidade de Berkeley, EUA, recorre a uma frase do filósofo francês Michel Foucault (1926-1984): ela, como todos os modernos, sentia compulsão por se inventar. Talvez por isso, poucos tenham conseguido acompanhar o ritmo camaleônico de alguém que, segundo a organizadora do livro *Ruth Cardoso – Obra Reunida*, agora lançado pela Editora Mameluco, “criou um espaço de reflexão e interrogação do presente para forçar limites, procurar alternativas”. Ruth conservou-se assim: foi uma feminista de primeira hora, incentivadora de outros movimentos sociais emergentes nos anos 1970, nascidos entre descendentes de escravos, favelados e homossexuais, sem medo de provocar os conservadores, mesmo quando assumiu – contra sua vontade – a condição de primeira-dama do Brasil.

Com a chegada do marido à Presidência, ela investiu contra a herança getulista do assistencialismo (ou clientelismo), ao extinguir a LBA (Legião Brasileira de Assistência) e inventar o Comunidade Solidária, projeto conduzido com a ajuda de empresários e apoiado pelo governo para enfrentar a pobreza e a exclusão social. O fim da LBA provocou polêmica. Anteriormente, em 1994, quando FHC fazia alianças visando à Presidência, ela já havia provocado o establishment político ao imprecar contra Antonio Carlos Magalhães. O episódio é lembrado na biografia da antropóloga, *Ruth Cardoso – Fragmentos de uma Vida* (Editora Globo) pelo autor Ignácio de Loyola Brandão, colunista do *Caderno 2*: “Ruth, certo dia, afirmou publicamente não entender como o marido se aliava a um político como ACM, figura que trazia todos os vícios do autoritarismo e da prepotência da ditadura”. A explicação: o poder do baiano, capaz de manter a aliança PFL/PSDB,

Ruth Cardoso, que insistia em se manter autônoma e apartidária, parou de falar mal de ACM. Em contrapartida, um dos seus

primeiros atos como primeira-dama foi levar para Brasília antigas companheiras da batalha feminista para fortalecer o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, estrutura básica da Secretaria de Políticas para as Mulheres, criada em 2003. Em *A Mulher e a Democracia*, um dos textos selecionados por Teresa Caldeira para o livro, ela afirma que o processo de democratização da sociedade passa necessariamente pela ideia da igualdade entre os sexos.

A luta por uma relação simétrica entre homens e mulheres, defendia a antropóloga, não se dava na porta dos sindicatos nem nas sedes de partidos, formas rotineiras (e manipuladoras) de fazer política, segundo ela. A dificuldade para as mulheres penetrarem nesse mundo, escreve, eram enormes – pelo menos eram quando o texto foi produzido, em 1987 – e por isso o movimento feminista teria um caráter exemplar entre todos os outros nascidos depois do histórico Maio de 1968.

“O trabalho intelectual de Ruth não se dissociava da intervenção no debate político, no qual se engajava como antropóloga”, diz Teresa Caldeira no livro que reúne parte de sua produção acadêmica, mais de meio século de trabalho intelectual que exi-

giu da discípula três anos de pesquisas para selecionar os textos – o mais antigo de 1959 e o mais novo, de 2004. O primeiro, é, além de tudo, um estudo pioneiro e original sobre a imigração japonesa no Brasil, tema de sua tese de doutorado (de 1972), publicada em 1995 (pela editora Primus). O volume organizado por Teresa Caldeira reúne, pela primeira vez, os artigos acadêmicos da antropóloga em forma cronológica. Como o objetivo era apresentar o pensamento crítico, autoral, de Ruth Cardoso, ele só não contempla a produção da época em que ela ocupou o posto de primeira-dama, justifica a organizadora. Foi um período em que, mais discreta do que nunca, a antropóloga evitou expor publicamente suas opiniões.

Seis textos do livro são inéditos em português. Alguns foram produzidos um ou dois anos antes do exílio forçado do casal Cardoso no Chile e na França, após o golpe militar de 1964. São poucos. A maioria dos textos foi produzida nas décadas de 1970 e 1980, quando, novamente fixados no Brasil, a professora recebia encomendas de artigos ou convites para participar de seminários como *As Mulheres e as Políticas Alimentares* (França, 1985). Todos esses escritos ficaram aos cuidados do sociólogo, historiador e sócio-fundador da Mameluco, Jorge Caldeira, encarregado da missão de digitalizar todo o acervo da antropóloga, trabalho que começou duas semanas após sua morte e resultou na descoberta de diversos cadernos que traziam anotações de suas pesquisas de campo. A irmã do editor organizou esses textos, separando versões preliminares das finais.

Atenção especial merecem os artigos escritos em parceria com a antropóloga e cientista política Eunice Ribeiro Durham. Ela escreve um depoimento emocionado sobre a influência que Ruth exerceu em sua formação, destacando seus múltiplos interesses culturais (cinema, filosofia, literatura, história, teatro). “Eu admirava muito e invejava um pouco essa minha colega”, admite Eunice, lembrando como as duas inventavam e adaptaram novos métodos didáticos trabalhando com estudantes. A amiga Ruth, “que conhecia o marxismo bem melhor que eu”, realizou – com sucesso, segundo Eunice – o casamento da sociologia com a ciência política. No livro, o mais ambicioso texto escrito pelas duas analisa o processo acelerado de urbanização (em 1977) e o desequilíbrio provocado pela migração interna no Brasil.

Um ano depois, a antropóloga ousaria ainda mais, avançando no campo socioló-

gico para desafiar o discurso dominante ao falar da marginalização da população trabalhadora em países de industrialização tardia. Em pesquisas de campo junto a trabalhadores favelados de São Paulo, quase todos migrantes, Ruth descobriu que eles não se viam como marginais – esses, para os entrevistados, eram os “vagabundos” ou doentes, os verdadeiros excluídos da sociedade. Recorrendo a Richard Hoggart, que definiu os trabalhadores de Leeds como crentes na evolução contínua da sociedade industrial (embora nem tanto na ascensão social), a antropóloga afirma que os favelados paulistanos acreditavam ainda mais na mobilidade social que os operários ingleses.

Hoggart, acadêmico inglês cuja participação no julgamento de *O Amante de Lady Chatterley* foi decisiva para a liberação de obra de D.H. Lawrence, desconfiava (já em 1957) que a cultura de massas iria impor novos padrões de comportamento e fortalecer preconceitos sociais. Ruth Cardoso detecta, de fato, num ensaio sobre consanguinidade e educação em famílias de favelas, que uma favelada negra havia adotado um bebê branco, dispensando todo carinho e atenção a ele, enquanto desprezava os dois filhos biológicos. Contra o discurso politicamente correto, a antropóloga demonstra que a adoção nas classes urbanas menos favorecidas seguia, para falar o mínimo, uma lógica um tanto perversa.

“Mais que Lévi-Strauss, cujos seminários frequentou nos anos 1960 e foi uma influência importante, Hoggart e Paul Willis inspiraram muito essas análises das entrevistas com residentes em favelas”, observa Teresa Caldeira. “Importava a ela qual a relação que o entrevistado tinha com essas falas pesquisadas”, diz a organizadora, acenando com um segundo volume para abrigar textos que ficaram de fora no livro. Professora e orientadora dedicada, segundo ela, Ruth Cardoso chegou a visitar a aluna diversas vezes em São Miguel Paulista, bairro em que se fixou para escrever sua tese.

Graças a esse corpo a corpo com a vida nas periferias, os meios de comunicação de massa e os jovens passam a ser seus “temas estratégicos para entender as mudanças políticas e culturais” nos anos 1970. “Ela era contra o conceito de subcultura, queria mostrar como os favelados estavam a par de tudo e sempre foi uma feminista convicta, fascinada pelo seriado *Malu Mulher*, de Regina Duarte, justamente por forçar os limites e ter, surpreendentemente, uma imensa aceitação pública”, diz Teresa Caldeira.



A frente. Ruth na década de 70 (no alto) e Teresa Caldeira, ex-aluna e organizadora da coletânea (acima): precursora nas pesquisas sobre a integração social de estrangeiros

INOVAÇÕES TEÓRICAS E NA MILITÂNCIA

Ensaio revela a precisão das ideias da intelectual paulista relativas ao método antropológico e aos movimentos sociais

JOSÉ DE SOUZA MARTINS

A obra *Reunida*, de Ruth Cardoso, em boa hora organizada, a partir de laboriosa garimpagem, por Teresa Pires do Rio Caldeira, coloca ao alcance dos estudiosos e do grande público textos preciosos e dispersos da conhecida antropóloga. Uma densa apresentação da organizadora do volume situa compreensivamente a rica diversidade da obra da autora dos textos, cinco dos quais escritos em colaboração com colegas de pesquisa e de profissão, várias delas suas antigas alunas. Um depoimento de Eunice Ribeiro Durham, que foi amiga e colega de Ruth desde que ambas se tornaram assistentes da Cadeira de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, constitui um esclarecedor e apropriado preâmbulo afetivo e intelectual. Uma contribuição à história das ciências sociais entre nós, da qual ambas se tornaram destacadas protagonistas, como cientistas e professoras, formadoras de toda uma geração de cientistas sociais.

O bem apresentado e anotado volume cumpre a função decisiva de propiciar e facilitar o retorno à obra de uma autora que, por discreta e competente, preocupou-se pouco com sua visibilidade pública, apesar da reconhecida importância teórica de seus escritos. Importância que se desdobra na inovadora concepção de militância política no marco da atuação acadêmica, a de colocar sua vocação de docente e de cientista tam-

bém a serviço dos desvalidos, no reconhecimento da legitimidade de suas demandas, representações e visão de mundo, como protagonistas de mudanças, mas também como referência de conhecimento. Pela época de sua morte, através do Comunidade Solidária, Ruth desenvolvia um trabalho na periferia de São Paulo, na Cidade Tiradentes. Dava continuidade a pesquisas em favelas e bairros pobres, tema pelo qual se interessava em função da importância que passaram a ter, desde os meados dos anos 1970, os movimentos populares, as chamadas populações marginais e o protagonismo político dos excluídos. O novo caminho da ação política.

A boa ordem na organização dos textos deste livro dá ao leitor o que é também uma biografia intelectual da autora, demarcada pelos momentos significativos de seu crescimento como cientista, do funcionalismo ao estruturalismo de Claude Lévi-Strauss, passando antes pela dialética de Marx. Momentos e temas que expressam uma história pessoal de vivência plena e inconformada das graves vicissitudes desta nossa trágica América Latina. Longe de vivê-los como tormentos pessoais, ainda que na experiência do exílio, Ruth só cresceu na adversidade política, como intelectual inquieta em face dos desafios de compreensão e de interpretação do que via também como desafios sociais e políticos. Poucos na história do pensamento social e político brasileiro tiveram a oportunidade de atar e interpretar tão bem os fios desatados da história sem rumo.

Neste volume, Ruth expõe o quanto teve e ainda tem a dizer sobre desafios interpre-

Cientista rigorosa, não dispensava o olhar crítico nem mesmo em relação a assuntos supostamente 'amenos'

tativos das ciências sociais, não só da Antropologia, aceitando-os antes que fossem percebidos por muitos outros. Seus estudos sobre o mundo juvenil das famílias japonesas imigradas para o Brasil, dos nisseis em face dos isseis, dos jovens em face dos velhos, indicavam uma escolha teórica e metodologicamente acertada, na referência empírica apropriadamente problematizada.

Sua reflexão teórica sobre a questão do método na antropologia é precisa e está presente nos explícitos cuidados que tinha quanto a isso, qualquer que fosse o tema a ser tratado. Ela era cientista rigorosa mesmo em relação a temas que, parecendo "leves" ou "da moda",

supostamente dispensavam o rigor crítico do verdadeiro pesquisador. É o que se vê em suas análises relativas aos movimentos sociais e particularmente sobre um tema que se mantém controverso até hoje, o dos movimentos populares e o das comunidades eclesiais de base. Ruth, na perspectiva crítica, joga com o reconhecimento de sua legitimidade, do novo que anunciam, das mudanças sociais e políticas positivas que por meio deles se propõem. Na sequência, remete-os ao plano propriamente teórico para apontar o que neles desafia a tentação do absoluto, da interpretação fechada, do conhecimento reificado. Reto-

mado de maneira politicamente criativa, o conceito de comunidade revela mas acoberta, joga para baixo do tapete, como ela diz, as perturbações do comunitário, as tensões que, disfarçadas no homogêneo, o desdizem e nem por isso o invalidam.

Um tema forte de vários de seus estudos, tratado com grande propriedade teórica, é o da militância, que invadiu as ciências sociais sem maior cuidado. Ruth foi das primeiras a apontar o afã de arriscada complacência entre o pesquisador e as populações estudadas, certo alibi científico para legitimar as lutas sociais, a interpretação como fado de força, mas também um certo alibi social e político para legitimar a pesquisa científica, sem os necessários cuidados com os requisitos próprios dos cânones da ciência. O ensaio sobre a armadilha do método, um clássico da antropologia brasileira, como que centraliza e "amarra" o volume. Não só porque analisa de maneira erudita os impasses históricos da nossa antropologia e das nossas ciências sociais, mas também porque situa precisamente esses impasses como impasses da produção do conhecimento no diálogo criativo com a realidade, expostos os disfarces para um "ser de dentro" que continua a confinar o cientista nas ciladas do "ser de fora".

JOSÉ DE SOUZA MARTINS É SOCIOLOGO, PROFESSOR EMÉRITO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E AUTOR DE *UMA ARQUEOLOGIA DA MEMÓRIA SOCIAL* (ATELIÊ), ENTRE OUTROS LIVROS



Ação e discussão. Ruth Cardoso num evento do Programa Capacitação Solidária, em 2002: impasses da produção do conhecimento no diálogo criativo com a realidade

“ELA NÃO GOSTAVA DA POLÍTICA PARTIDÁRIA”

Fernando Henrique Cardoso fala da pesquisadora, com quem foi casado durante 55 anos, e destaca seu papel de vanguarda

A antropóloga Ruth Cardoso conheceu o marido no vestibular da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde se formou em 1952. Não demorou para que ela e o futuro presidente Fernando Henrique Cardoso ficassem conhecidos como a “turma da biblioteca” (os dois não saíam da Mário de Andrade), dividindo o tempo entre leituras e sessões do recém-fundado TBC (Teatro Brasileiro de Comédia, criado em 1948). Foi lá que o jovem estudante, de jaqueta e colete, assistiu ao lado da namorada a uma peça de William Saroyan (*The Time of Your Life*, de 1939, aqui traduzida como *Nick Bar...*). O norte-americano Saroyan (1908-1981), hoje injustamente esquecido, ganhou o Pulitzer com a peça, mas não aceitou, alegando que o dinheiro do comércio jamais poderia financiar a arte. Para estudantes fascinados pelo discurso marxista, como os jovens Ruth e Fernando, Saroyan era um autor e tanto, ainda mais que sua alegórica peça era repleta de gente fora do eixo – ou détraqué, como se dizia na época.

Pois foram justamente os marginalizados que logo atraíram a atenção da antropóloga em formação, ela que seria pioneira em pesquisas de campo, estudando a vida na periferia de São Paulo. O ex-presidente, em entrevista ao *Sabático*, corrige: “Para ela, não se tratava de marginalizados, mas de pessoas que queriam se integrar”. Ele lembra que, antes de escrever a dissertação de mestrado em sociologia sobre o papel das associações juvenis na aculturação dos japoneses, em 1959, ela já estudava os hábitos de consumo de uma família de favelados do Jockey Club.

“Ruth descobriu a razão de ser o açúcar o primeiro produto que compravam quando tinham algum dinheiro”, conta. “É que, além de dar energia, podia ser dividido com outras famílias”. Pode ter surgido ali, há meio século, o embrião da Comunidade Solidária.

“Nós conversamos muito sobre isso nos anos 1960 quando, no exílio, ficamos amigos de Foucault e discutíamos assuntos como a microfísica do poder, as formas de sociabilidade, a politização dos movimentos sociais”. Ruth Cardoso, então, já era vanguarda. “Quando os antropólogos lidavam exclusivamente com os povos primitivos, ela já se dedicava à antropologia urbana, tendo um papel importante na disseminação do pensamento de Lévi-Strauss no Brasil”.

No livro, analisando as “marcas” deixadas pelo trabalho do colega antropólogo, Ruth diz que “sua preocupação com as estruturas de significado e o sentimento oculto dos produtos culturais formam o núcleo de seu legado”. No entanto, mostra-se pouco entusiasmada com os estruturalistas, revelando maior afinidade com a antropologia cultural do britânico Victor Turner (1920-1983) que, de certa forma, abriu para seus discípulos a possibilidade de politizar a antropologia com seu conceito particular de comunidades – uma comunidade não estruturada em que todos são iguais – e interpretações nada ortodoxas do Maio de 1968 e dos hippies.

Ruth Cardoso sempre se interessou por esses movimentos espontâneos e pelos jovens, confirma o ex-presidente. “De política partidária ela não gostava, não tinha paciência para falar com deputados”. Preferia conversar com mendigos, descer o Amazonas num barco pequeno para ver como viviam as populações ribeirinhas, segundo Fernando Henrique. O episódio da extinção da LBA (Legião Brasileira da Assistência), diz, revela como nenhum outro a aversão que a antropóloga tinha pelo assistencialismo, pelo

clientelismo eleitoral, sendo ela defensora da autonomia dos movimentos sociais.

Assim como Teresa Caldeira, a organizadora da obra reunida da antropóloga, FHC afirma que foi esse seu maior legado, o de respeitar a autonomia dos grupos comunitários para decidir seu futuro e fugir da tutela estatal e de instituições – ainda que, num dos ensaios do livro, admita que essa autonomia jamais poderá ser total, lembrando o papel da Igreja ao longo dos anos da ditadura.

A vida acadêmica da antropóloga foi prejudicada pelo papel de primeira-dama e eclipsada pela imagem gigantesca do chefe da Nação? O ex-presidente admite que sim. Modesta, ela publicou pouco durante o período em que o marido dirigiu o País, pressionada pelos compromissos políticos dele aqui e no Exterior. “Mas ela foi uma grande profes-

sa, que tinha paixão por seus alunos, formando muita gente boa, como Teresa Caldeira, que hoje dá aulas em Berkeley”.

Essa história vai ser contada no livro *A Soma e o Resto*, que o ex-presidente lança ainda em novembro pela Editora Civilização Brasileira. O título é o mesmo de um artigo publicado no *Estado* quando Fernando Henrique completou 80 anos, no dia 19 de junho. “Não gosto de memórias, mas este é uma longa entrevista (de dez horas) em que falo de minha mãe, do meu pai, das minhas relações pessoais, de família, drogas, enfim, dos meus sentimentos, uma visão retrospectiva de alguém que, aos 80 anos, se deu o direito de falar francamente”. Além desses temas, outros sobre os quais raramente falou – espiritualidade, morte – estão presentes em *A Soma e o Resto*. **/A.B.F.**

Ele publicará ainda este mês uma obra em que conta histórias da família e discorre sobre drogas, espiritualidade e morte

poetas portugueses de hoje e de ontem

do século XIII ao XXI para os mais novos

132 páginas - 2011

Maria de Lourdes Varanda & Maria Manuela Santos

martins fontes
selo martins
www.martinsfontes.com.br

Avenida Dr. Arnaldo, 2076
01255-000 São Paulo - SP
Tel.: (11) 3116-0000
Tel. comercial: (11) 3061-0250

R\$ 54,90